

A contribuição fonética fonológica no ensino fundamental para a língua portuguesa do Brasil

Alvanira Lúcia de Barros

Abstract: The purpose of this text is to describe the contribution of Phonetics and Phonology on PROFLETRAS course, to the teaching of the initial phases education at the Brazilian public schools. The given data is related to the students performances in the abilities connected to the different levels of phonological consciousness, interconnected to the Reading and writing (Caxias, 2015; Bernardelli, 2015). The theoretical basis consist of Cagliariari (2009), Capovilla & Capovilla (2010), Morais (2012), Lemle (1991), PNAIC (BRASIL, 2013), among others. The results have shown that the progress of the reflection and manipulation processes of the sound constituents of language are essential factors to the written language acquisition in harmony with punctual habits of accompany of students necessities, in particular, to the uses of oral language and writing of the referred students. Besides it is relevant the comprehension, by the professors side, of the phonetic, phonologic and language variation basements involved to the acquisition of Brazilian Portuguese language modalities.

1 Introdução

O entendimento sobre o ensino de Língua Portuguesa no Brasil tem suscitado discussões e pesquisas diversas com o objetivo de trazer luz para a formação do professor, como em relação ao ensino de alfabetização e leitura. Discussões presentes na academia e nas formações continuadas¹. E, mais recentemente, no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), a partir de 2013, que acontece em mais de cinquenta unidades distribuídas em quarenta universidades federais e estaduais em todo o país.

Desta feita, o PROFLETRAS estabelece uma interface entre teoria e prática ao dialogar com a escola. O professor é conduzido à pesquisa sobre seu cotidiano de sala de aula, numa escola socialmente heterogênea perante aos enfrentamentos relacionados ao ensino. Dentre os quais, destacam-se a visão dicotômica com que muitos

professores se deparam em sua prática, como as críticas relativas ao ensino da leitura e escrita baseadas no treino das habilidades de “codificação” e “decodificação”, dos métodos sintéticos como os silábicos, fônico e métodos globais, confira Albuquerque, Morais e Ferreira (2012).

Para Morais (2012, p. 14), há uma “hegemonia do discurso do letramento”, visto que muitos educadores e pesquisadores defendem a não sistematização da escrita alfabética, pois o aprendizado se daria naturalmente na escola, de acordo com as situações de leitura e produção de textos.

Por sua vez Lemle (1991, p. 31) discute os desafios da alfabetização, quando o aluno percebe que nem todas as relações letra/fonema são regulares, como nos contextos linguísticos em que o som apresenta restrição de posição, como o som da letra *l* que não é [l] e sim [u]; ou, a posição em que o som da letra *o* é [u], o som da letra *e* é [i] e, outras diferenças. Além da arbitrariedade do sistema que “dura a vida inteira”, pois sempre haverá um momento de insegurança em relação à escrita de uma

¹ Cursos de treinamento oferecidos aos professores da rede de ensino pública, pelos órgãos públicos, geralmente sob a coordenação das universidades.

palavra. Consoante as regras de distribuição de sons e de letras, a palavra *rosa*, escrita com *s* poderia ser com *z*. Do mesmo modo *exame* escrita com *x*, poderia ser com *s* ou com *z*; igualmente *hora* tem *h*, mas *ora* não tem, apesar da similitude fonética.

Considerando as críticas sobre os métodos de alfabetização e os recorrentes resultados de insucesso escolar por parte da população de estudantes em alfabetização e/ou letramento, mais o complexo processo de alfabetizar, se faz oportuno que o professor tenha clareza em relação ao quê e como fazer ensinar, tendo em vista a ênfase no “ensino do sistema de escrita alfabética e o letramento” (Bernadelli; Barros, 2020, p. 34).

Ademais, é relevante o domínio teórico em Fonética e Fonologia. Entretanto, essa seara suscita outra questão que extrapola as discussões deste texto. Por exemplo, o ensino de alfabetização ser predominantemente da área de Pedagogia, e não de Letras. Só recentemente aquela área passou a integralizar em sua grade curricular a disciplina de Fonética e Fonologia, enquanto o Curso de Letras ainda soma esforços para que seus alunos saiam da graduação bem fundamentados, além de tratar-se de uma área de poucos adeptos.

No presente texto refletimos sobre a aquisição da leitura e escrita nos anos iniciais de escolarização, considerando que o processo de alfabetização passa pelo desenvolvimento da consciência fonológica (Barros; Bernardelli; Caxias; 2017).

Partimos dos dados Bernardelli (2015) e Caxias (2015) aplicados em duas escolas públicas distintas, uma urbana, denominada aqui de turma A, referente a fase final de alfabetização (3º ano, com 16 alunos, faixa etária entre 7 e 10 anos). A turma B, escola rural, 1º ano da alfabetização (7

alunos entre 6 e 7 anos de idade). Ambas referentes ao Ensino Fundamental.

Tais experiências conciliam teoria e prática de ensino, desenvolvidas no âmbito do PROFLETRAS, pela UFPB, e ratificam a importância do conhecimento teórico em Fonética e Fonologia por parte dos professores que trabalham com alfabetização.

2 A aquisição da leitura e da escrita: transformação de uma prática docente

Em Bernardelli (2015), turma A, a avaliação diagnóstica dos alunos revelou que seis encontravam-se em fase inicial da etapa alfabética, começando a compreender o princípio alfabético; três em fase avançada da etapa alfabética, liam por meio da estratégia fonológica; e sete na etapa ortográfica, desenvolviam a leitura por meio da estratégia lexical. A partir dessa realidade desenvolveu uma bateria de atividades denominada uma proposta didática baseada no Pacto Nacional Pela Idade Certa, PNAIC (Brasil, 2013)².

As atividades focaram nos níveis dos processos linguísticos que caracterizam as expressões faladas como o de codificar foneticamente a informação linguística, mas também considerando seu conteúdo semântico e pragmático. Essa proposta didática foi desenvolvida em quatro etapas:

1. Língua escrita e consciência de palavras;
2. Língua escrita e consciência de sílabas;
3. Língua escrita e consciência de rimas e aliterações;
4. Língua escrita e consciência

² O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) – foi um projeto de cinco anos, 2012-2017, com o compromisso formal e solidário assumido pelos governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios para atender à Meta 5 do Plano Nacional da Educação (PNE), que estabelecia a obrigatoriedade de “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental.

de fonemas.

Neste texto, nos deteremos em um recorte incluindo i. Língua escrita e consciência de palavras; ii. Língua escrita e consciência de sílabas e iii. Língua escrita e consciência de fonemas. Os três tópicos foram trabalhados com aplicação de atividades, num crescente desde o diagnóstico até a avaliação final.

A fase inicial compreendeu a leitura de um poema a partir do qual foi elaborada a atividade de consciência fonológica. Nesta, foi considerada consciência de palavras, como: segmentá-las, localizá-las no texto, contar o número de palavras em um enunciado, identificar a maior e a menor palavra em um enunciado. Em relação à consciência de sílabas, identificar palavras com três sílabas, trocar sílabas para formar uma nova palavra, acrescentar uma sílaba à palavra para formar uma nova, criar palavras com base em nome e figuras, inverter sílabas de palavra para formar uma nova. Para consciência de fonemas: pintar palavras que apresentam a mesma quantidade de sons (como em casa, abelha, telha, falei); mudar o fonema inicial da palavra para formar o nome de figuras mostradas (como em rata, pata, gata, mata), entre outras atividades.

Os dados mostraram em relação às habilidades referentes à consciência de palavras, os alunos não conseguiram segmentar a frase em palavras, mesmo as palavras tendo sido lidas pelos alunos que já se apropriaram da escrita alfabética e pronunciadas pela professora; não distinguiram palavras escritas de forma hipossegmentada, tanto aqueles que se encontravam no início da etapa alfabética, como aqueles que já estavam em fase mais avançada ou mesmo na etapa ortográfica. Houve, por exemplo, dificuldade em organizar as palavras numa sequência que tivesse sentido.

Em relação à atividade de contagem de sílabas de uma palavra, todos os alunos das três etapas alfabética inicial, avançada e ortográfica revelaram dificuldades. Entretanto, aqueles do estágio mais avançado da etapa alfabética e da etapa ortográfica apresentaram maior desenvoltura em relação aos exercícios propostos, ratificando a estreita relação entre o nível de aquisição da língua escrita e a consciência fonológica, corroborando Capovilla e Capovilla (2010), Scherer (2009), entre outros.

Vale ressaltar que a tarefa de reconhecimento de sílaba não é fácil, principalmente pelo traço fonêmico geral do português brasileiro. Além da complexidade de distinção entre ditongos e hiatos, conforme Mattoso Câmara (1992). Tópico que não se esgota na alfabetização.

A segmentação de palavras em sons mostrou-se uma habilidade complexa de consciência fonêmica. Na contagem do número de sons, os alunos realizaram a contagem das letras das palavras.

Ao longo da aplicação dos exercícios nas diferentes etapas, os alunos avançaram em relação às habilidades metafonológicas, bem como na compreensão de determinadas correspondências entre sons e letras. Demonstraram maior domínio nas relações grafofonêmicas, como em relação às correspondências biunívocas e nas relações em que “uma letra pode representar diferentes sons, segundo a posição”, como *l* em início de sílaba que soa como consoante lateral, mas contexto de final de sílaba, soa com o som [u] como em *casal* (Lemle, 1991, p. 27).

A proposta didática conduziu os alunos no processo de aquisição da língua escrita, respeitando suas hipóteses em relação à escrita, possibilitando-lhes ousar em escrever de acordo com essa percepção. Além disso, promoveu a leitura de textos a partir dos quais foram desenvolvidos exercícios

orais e escritos, jogos e desafios como a competição de trava-línguas.

Diante do exposto, Bernadelli e Barros (2020, p 47) afirmam

(...) o trabalho com a consciência fonológica, conciliado com a apresentação da escrita da palavra, torna o aluno hábil em reconhecer a palavra escrita, levando-o a refletir sobre os componentes orais e escritos da palavra.

O segundo trabalho, de Caxias (2015), voltou-se para os conhecimentos convencionais do Sistema de Escrita Alfabética que os alunos precisam desenvolver no primeiro ano do ciclo da alfabetização, consoante o Guia de formação do Pnaic (2013).

A proposta didática conciliou atividades relacionadas aos níveis de consciência fonológica, como: nível de palavras, sílabas, rimas, aliterações e consciência de fonemas. Para desenvolver a consciência silábica, as atividades propostas envolveu: contar números de sílabas; identificar a sílaba inicial, medial ou final de uma determinada palavra; além de contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir e transpor uma sílaba da palavra para formar um novo vocábulo. Todas as atividades foram trabalhadas num crescente, diagnóstico desenvolvimento da proposta didática até a avaliação final.

De um modo geral, inicialmente, os dados apontaram para um fraco desempenho dos alunos em relação às habilidades de consciência fonológica, especialmente nos níveis de sílabas e fonemas como separá-las entre dois espaços em branco, excluir sílabas iniciais, substituição e manipulação fonemas para formação de novas palavras, como em “*Ligue os desenhos cujas palavras começam com o mesmo som* (desenhos de: casa, cama, bala, balão, urso, unha, pato, palhaço)”, e “*Troque o fonema*

inicial da palavra em destaque: [p] rato, [l] rei.”

No que se refere ao desenvolvimento da escrita, das sete crianças participantes da pesquisa, seis encontravam-se na fase silábica e uma na fase pré-silábica, em fase inicial do desenvolvimento da escrita. Também foi constatado que as crianças apresentavam dificuldades em analisar a própria fala, bem como refletir e manipular as partes sonoras das palavras.

Assim, por exemplo, numa atividade de percepção de consciência silábica, como identificar sílabas e a grafia de palavras solicitadas no enunciado como: “*De cada palavra abaixo, que sílaba você deve tirar, para formar uma nova palavra?*” Atividade composta por palavras e figuras, sendo uma figura de sapato, ao lado da palavra *sapato*; outra figura de pato, sem a palavra correspondente. Situação em que o aluno precisava escrever a palavra correspondente à figura *pato*. Na sequência, uma figura de camarão, ao lado da figura *cama*. Igualmente constava a palavra *camarão* mas não a palavra *cama*.

A atividade exigia do aluno, a capacidade de perceber que a retirada de uma das sílabas das palavras *sapato* e *camarão* resultaria na formação de novas palavras como *pato* e *cama*. O resultado foi a escrita de “*apato*”, “*marão*”. Além disso, a maioria escolheu as palavras aleatoriamente pelo número de letras e as escrevia no lugar indicado, mas não sabia lê-las.

Considerações finais

As turmas A e B foram avaliadas ao final das atividades cujos dados correlacionados, fase inicial *versus* desenvolvimento da proposta didática, apontaram para uma evolução significativa relativa ao desempenho dos alunos. A bateria de atividades mostrou-se importante ao conciliar o ensi-

no sistemático da escrita alfabética com as práticas sociais de leitura e escrita, como enfatiza Magda Soares ao dizer que é necessário alfabetizar com método, ou “alfabeletrar” (2013, 2020).

O PROFLETRAS tem dado contribuições ao conciliar prática docente à pesquisa, oxigenando boa parte dos professores que atuam na educação básica.

Ademais é relevante situar que os resultados discutidos não constituem culto a um método de ensino, mas a constatação de progresso em face da escolha por desenvolver no estudante a consciência fonológica a partir de atividades didáticas que promovam a escrita alfabética, contrariando, portanto, os defensores da não sistematização da escrita alfabética.

Referências

Albuquerque, E. B. C.; Morais, A. G.; Ferreira, A. T. B. 2008. As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras? *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v.13. n. 38. p. 252-264, maio/ago.

Bernadelli, Anelise dos Santos. (2015). *A língua escrita em ciclo final de alfabetização: uma interface com consciência fonológica*. Dissertação de mestrado. (PROFLETRAS) - UFPB. Mamanguape.

Bernadelli, Anelise dos Santos; Barros, Alvanira L. de. 2020. O desenvolvimento da consciência fonológica no processo de aquisição da leitura e da escrita. *In: Bonifácio, Carla A. de Melo; Miranda, Joseval dos R.; SILVA, Sônia M. Cândido da (Org.). Aulas de Língua Portuguesa em cena entre reflexões e propostas*. João Pessoa (PB): Editora UFPB.

Caxias, Aldenice da Silva. (2015). *A relação entre a Consciência Fonológica e a Aquisição da escrita: ressignificando o processo de alfabetização*. Dissertação de

mestrado. (PROFLETRAS)- UFPB. Mamanguape.

Camara Jr, Joaquim Mattoso. (1992). *Estrutura da Língua Portuguesa*. 21ª ed. Rio de Janeiro: Vozes Ltda.

Brasil, Ministério da Educação. (2013). *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: consciência fonológica*. Universidade Federal de Ouro Preto: CEAD.

Cagliari, L. C. (2009). *Alfabetização & Linguística*. São Paulo: Scipione.

Capovilla, Alessandra G. S; Capovilla, Fernando C. (2010). *Alfabetização: método fônico*. 5. Ed. São Paulo: Memnon.

Lemle, Miriam. (1991). *Guia Teórico do Alfabetizador*. 5. ed. São Paulo: Ática.

Morais, Artur Gomes de. (2012) *Sistema de escrita alfabética*. São Paulo: Melhoramentos.

Soares, Magda. 2013. *Alfabetização e letramento*. 6. Ed. São Paulo: Contexto.

Soares, Magda. (2020). *Alfabeletrar - toda criança pode aprender a ler a escrever*. São Paulo: Contexto.